



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6265 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

PRÁTICAS DE ORALIDADE NO PIBID: UM OLHAR AOS EVENTOS CIENTÍFICOS
 Jessica Reinert dos Santos - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE
 BLUMENAU

PRÁTICAS DE ORALIDADE NO PIBID: UM OLHAR AOS EVENTOS CIENTÍFICOS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa do governo federal cujo objetivo é “fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (BRASIL, 2010, p. 04). Neste trabalho, focaremos nossos olhares a dois subprojetos do desenvolvidos em uma universidade de Santa Catarina, a qual possui editais aprovados do programa desde 2010.

Para o acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos bolsistas em cada subprojeto, os coordenadores de área selecionam instrumentos de registro, tais como relatórios e diários de campo, indo de encontro ao que determina a proposta institucional da universidade. Os subprojetos em questão fazem uso do diário reflexivo, compreendido aqui, de acordo com Santos (2017), como “uma forma de interação verbal do professor em formação sobre os eventos que participa, neste caso, por intermédio do PIBID, como palestras, reuniões, entre outros momentos”. Esse instrumento de registro, nos auxilia na compreensão acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito das interações do Programa, apresentando, além da descrição das atividades realizadas, a interpretação dos eventos vividos por intermédio do PIBID de modo crítico-reflexivo, tendo como base as leituras e experiências vivenciadas tanto no contexto acadêmico, quanto na vida profissional, como traz Santos (2017). Outra prática adotada pelo Programa Institucional que nos instiga a analisar as práticas de oralidade, é o incentivo que os acadêmicos recebem para a realização de publicações científicas (ação também prevista no plano institucional).

Ao se inserirem em eventos de letramentos em decorrência do envolvimento com as práticas pedagógicas realizadas no PIBID, os acadêmicos se inserem em práticas letradas diversas para se assumirem enquanto *insiders* nesses contextos de interação, tanto enquanto professores em formação no contexto acadêmico, assim como professores atuantes em meio às interações em sala de aula, buscando compreender modos de falar, escrever, ler, agir e interagir recorrentes nesses contextos (GEE, 2008; FISCHER, 2008).

Desse modo, tendo em vista o alcance nacional e a representatividade que este Programa apresenta, há a necessidade de discutir as implicações do PIBID na formação docente dos acadêmicos, bem como, a participação destes em situações de interação

específicas do contexto acadêmico. A partir deste argumento, este trabalho tem como objetivo discutir relações do PIBID em práticas de oralidade no que concerne à participação dos acadêmicos em eventos científicos.

Os dados aqui analisados fazem parte de uma dissertação defendida em uma universidade localizada em Santa Catarina, a qual objetivava compreender modos como se relacionavam a formação de identidades docentes com práticas de letramentos desenvolvidas no cerne de dois subprojetos do PIBID. Na referida pesquisa, foram analisadas as práticas de leitura, escrita e oralidade emergentes dos dados analisados. Para este trabalho, trazemos considerações sobre as práticas de oralidade em eventos científicos vivenciados pelos acadêmicos por meio das práticas pedagógicas desenvolvidas no decorrer da participação no Programa.

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, foram selecionados quatro acadêmicos do curso de Letras-Português de uma universidade de Santa Catarina, sendo dois do subprojeto Letras-Português e dois do Interdisciplinar-Linguagens, que se encaixavam nos seguintes requisitos: acadêmicos que possuem publicações científicas, variedades de gêneros publicados e construção do diário reflexivo, além de não possuírem experiência docente. Ao definir os sujeitos da pesquisa, a fim de assegurar o anonimato de nossos sujeitos, cada acadêmico escolheu um pseudônimo, o qual será utilizado para nos remetermos aos sujeitos no decorrer das análises. Temos então, Lara e Sophie, acadêmicas integrantes do subprojeto Letras-Português, e Camila e José do Interdisciplinar-Linguagens.

Lançamos, então, nossos olhares aos diários reflexivos produzidos pelos estudantes, às publicações científicas e a realização de entrevista episódica (FLICK, 2004) individual, a fim de compreender questões voltadas “em torno dos textos” (LILLIS, 2008, p. 355, tradução nossa), ou seja, compreender o processo de construção da escrita em seus pormenores. Em razão dos procedimentos metodológicos adotados, podemos caracterizar a pesquisa como sendo de cunho qualitativo (FLICK, 2009; GASKELL, 2002) e interpretativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

As lentes teóricas que nos auxiliam olhar aos dados se amparam nos estudos acerca dos letramentos, mais especificamente, dos letramentos acadêmicos e pedagógicos (GEE, 2008; COLAÇO, 2012, 2015; COLAÇO; FISCHER, 2015; FISCHER, 2008) e concepção dialógica da linguagem compreendida por meio das lentes teóricas bakhtinianas (BAKHTIN, 2014).

Dentre as ações organizadas pelos subprojetos, há a interação em práticas de leitura, por meio de formações de cunho teórico a fim de auxiliar os acadêmicos na construção de sentidos entre teoria e prática e prática e teoria, trazendo aos acadêmicos uma visão do ensino como objeto de pesquisa. Há também práticas voltadas à escrita, auxiliando na construção de planos de aula, projetos de letramentos, entre outros gêneros que dão subsídio os acadêmicos ao contato com práticas de letramentos pedagógicos (COLAÇO, 2012, 2015; COLAÇO; FISCHER, 2015).

Após interagir em práticas letradas leitoras, os acadêmicos escrevem textos de gêneros acadêmicos e submetem a eventos científicos. Ao serem aprovados, há a oportunidade de diálogo com demais pesquisadores acerca do ensino e suas particularidades.

Ao pensarmos sobre práticas orais que emergem do contexto científico, compreendemos que há a necessidade de uma recontextualização do texto escrito à prática oral. Partindo de uma visão não-dicotômica entre o oral e o escrito, compreendemos que

“nem toda escrita é formal e planejada, nem toda oralidade é informal e sem planejamento” (KLEIMAN, 1997, p.28). A oralidade precisa ser compreendida como algo que se adapta às exigências do contexto, se organizando de acordo com as funções e necessidades que dali emergem. Santos (2017) compreende que, ao voltarmos olhares aos eventos científicos, a fala se aproxima mais das características do texto escrito, ao compreendermos esta necessita de maior monitoramento e formalidade no momento da interação verbal, como podemos observar nas comunicações orais realizadas em eventos científicos.

Ao serem questionadas sobre os motivos que às levaram à submissão de textos a eventos científicos, emerge da voz dos acadêmicos a importância do incentivo recebido por parte das coordenadoras e supervisores dos subprojetos. Camila diz que “[as publicações], era uma das coisas que eles [coordenadora e supervisor] colocavam pra gente, né, que era importante ter pra depois, não sei, se a gente quisesse entrar num mestrado, seria bom se a gente tivesse publicações” (Entrevista Camila – 19/04/2016). Nesse mesmo sentido, temos a fala de Lara ao expor que “Ah, o incentivo, né. Porque, primeiro a gente teve a [coordenadora], bem presente, assim, direto, direto, direto. [...] E, também, porque sempre disseram, né, ‘ah, se vocês quiserem continuar na vida acadêmica, né, é importante. Isso é muito válido pro currículo de vocês.” (Entrevista Lara -19/04/2016).

Os dizeres das acadêmicas denotam a realização de um movimento reflexivo, de acordo com Santos (2017), quanto ao incentivo recebido pelos docentes à participação em eventos científicos e as contribuições do ato de publicar e participar destas práticas, uma vez que se compreendem enquanto sujeitos do conhecimento, inseridos em um contexto social específico construído em um emaranhado de relações epistemológicas e ideológicas. A fala de Lara e Camila nos levam a compreensão de que a escrita na academia não se limita apenas em apresentações em eventos científicos, mas sim como um meio que possibilita uma futura atuação na academia.

Os eventos científicos possibilitam também uma troca entre seus participantes, sendo possível partilhar sobre sua prática pedagógica, assim como, ouvir acerca das práticas desenvolvidas por demais pesquisadores em diferentes regiões. Camila ressalta esse posicionamento ao enunciar que os eventos são um espaço para “mostrar esses, essas práticas que a gente tem na escola pras outras pessoas” (Entrevista Camila – 19/04/2016), Nesse mesmo sentido, Sophie enuncia que os eventos são para ela, espaços para “mostrar o que a gente fez” (Entrevista Sophie- 27/04/2016). O enunciado das acadêmicas nos permite depreender o sentimento de pertencimento que emerge no que concerne à docência e ao contexto científico, uma vez que elas sinalizam ter o que dizer aos demais pesquisadores participantes do evento, assim como, sentem-se qualificados para interagirem nessa prática acadêmica. A prática oral científica vai desvelando no acadêmico em formação o pertencimento ao ser docente, que, por meio das práticas desenvolvidas na escola, possui dados científicos para discutir acerca da educação.

Outro aspecto relevante quanto à participação em eventos da esfera acadêmica é a identificação dos estudantes às práticas apresentadas, como revela a fala de Lara ao expor que “o que eu fazia, às vezes, era muito semelhante da outra pessoa” (Entrevista Lara - 19/04/2016). Sophie, por sua vez, argumenta que os eventos são uma oportunidade de “conhecer outros trabalhos do PIBID de outras universidades”, por meio da interação oral nos eventos científicos. Os trechos ora apresentados trazem consigo os movimentos dialógicos reflexivos das acadêmicas acerca da prática de oralidade, demonstrando o cunho dialógico que perpassa os eventos científicos. É por meio da interação do eu com o outro, de

acordo com Bakhtin (2014), que é (re)construída a linguagem e, desse modo, os conhecimentos, as formas de ser, agir e estar (GEE, 2008) em contextos específicos também se (re)significam, emergindo novas compreensões de si.

O diálogo com outros pesquisadores nos eventos científicos traz aos acadêmicos um sentimento de pertencimento ao contexto acadêmico-científico, uma vez que possuem o ensino como objeto de pesquisa, indicando-os enquanto professores pesquisadores. Ao interagir com os vários Discursos (GEE, 2008) que permeiam os eventos científicos, novas compreensões vão sendo construídas, através do contato com práticas outras desenvolvidas por outros bolsistas, sobre o ser professor.

José, por sua vez, enfatiza que participar de eventos científicos possibilita desafiar-se, ao enunciar que “eu saio um pouco da minha zona de conforto” (Entrevista José - 27/04/2016). Percebemos que as práticas de oralidade desenvolvidas no cerne dos eventos científicos servem também como um desafio, pois leva o professor ainda em formação a ultrapassar as suas próprias limitações. Dessa forma, compreendemos que ser professor é um processo de interação que permite que os participantes se posicionem e sejam posicionados pelos demais sujeitos por meio das relações de poder que ali se instituem (KLEIMAN, 2010), como os modos de ser e agir que caracterizam essa esfera.

Ao lançarmos olhares aos dizeres dos acadêmicos aqui analisados, fica claro que estes, ao se inserirem em práticas letradas acadêmicas, passam a compreender e discutir o ensino como objeto de pesquisa, dialogando com docentes de vários lugares, repensando suas práticas, tanto na sala de aula quanto na academia, enquanto professores em formação. Os bolsistas do Programa antes apenas leitores, passam a ser produtores de gêneros acadêmicos, compreendendo assim, que a pesquisa e a prática docente estão interligadas. Embora a função principal do PIBID na universidade pesquisada seja com foco à iniciação à docência, a pesquisa revelou-se como uma consequência, uma vez que o modo como as ações são pensadas no PIBID, nos subprojetos aqui analisados, permite que os acadêmicos tenham subsídios teóricos e práticos para discutir a educação linguística no meio acadêmico, participando assim, de eventos científicos discutindo sua própria prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Oralidade. PIBID. Letramentos Acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 203 p.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora: Portugal, 1994, 335 p.

BRASIL. **Decreto nº 7.219 de 25 de junho de 2010** . Disponível em: . Acesso em: 20 jul. 2015.

BRASIL. **Portaria nº 096, de 18 de julho de 2013** . Disponível em: <
http://www.capes.gov.br/images/stories/download/lBlegislacao/Portaria_096_18jul13_Aprov
Acesso em: 20 jul. 2015.

COLAÇO, S. F. Práticas pedagógicas de letramento: uma visão ideológica. In: **IX Anped Sul: Seminário de pesquisa em educação da região sul**. Caxias do Sul, 2012. Anais IX Anped Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul. Disponível em: <
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho_7204-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 mar./2016.

COLAÇO, S. F. **A travessia do ser aluno para o ser professor** : práticas de letramento pedagógico no PIBID. 212f. Doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Católica de Pelotas: UCPEL, Pelotas, 2015.

COLAÇO, S. F.; FISCHER, A. Letramentos acadêmicos em um programa de iniciação à docência: modos de interação em práticas pedagógicas. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v.18, n.1, p. 99-123, jan./jun. 2015.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Sci. Lang. Cult**, Maringá, v. 30, n. 2, 2008, p. 177-187.

GEE, J. P. **Social Linguistics and Literacies: ideology in discourses**. 3. ed. London: Routledge, 2008.

FLICK, U. Utilização de documentos como dados. In: FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.230-237.

FLICK, U. As narrativas como dados. In: FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004, p.109-123.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não

escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul./dez 2010.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 5. ed. Campinas: Pontes, 1997, 82p.

LILLIS, T. Ethnography as method, methodology and “deep theorizing”: closing gap between text and context in academic writing research. **Written Communication**, n. 3, v.25, p. 353-388, jul. 2008.

SANTOS, Jessica Reinert. **A construção de identidades docentes em práticas de letramentos acadêmicos do PIBID**. 2017. 156 p. Dissertação (mestrado) – Educação. Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.